

O avião vai cair!

**O menino de 11 anos era
a única esperança daquela família**

Por Lee Maynard

A O RECUPERAR a consciência, Christopher Palmer sentiu um peso esmagador roubando o ar de seus pulmões. Abriu os olhos. A cena diante dele era assustadora – metal retorcido, plástico rasgado e a cabine estilhaçada do Piper Archer pilotado pelo pai. Percebeu também uma mancha vermelha em sua camisa – nunca vira tanto sangue.

Onde está papai? Onde está Stephani?

O PEQUENO avião caía num prado montanhoso, no sul do Estado do Oregon. As asas tinham sido decepadas, e a fuselagem em frangalhos jazia apoiada em seu lado direito, bloqueando a única porta da aeronave.

Chris engoliu o pavor crescente e fez força para cima, no sentido contrário ao peso que o oprimia. Só então percebeu que aquele volume era o pai. O corpo lacerado e ensangüentado de Ken Palmer caía sobre ele, um peso morto no avião sem vida.

mer acionou o rádio e consultou a torre de controle sobre uma aterrissagem em outro aeroporto. Pouco depois, Chris escutou o motor rater e morrer. Mesmo parecendo assustado, o pai tomou imediatamente medidas de emergência, acionando o tanque de combustível alternativo. Mas os dois tanques estavam vazios.

“Não vamos conseguir”, avisou Ken à torre, quando o avião iniciou a queda. “Estamos caindo.”

Naquele momento, Chris teve uma estranha visão – vislumbrou o avião como se estivesse fora dele, ob-

Quando a fuselagem chegou por fim ao seu destino, eles estavam inconscientes.

É o sangue do papai! De repente, Chris Palmer sentiu-se vulnerável e sozinho.

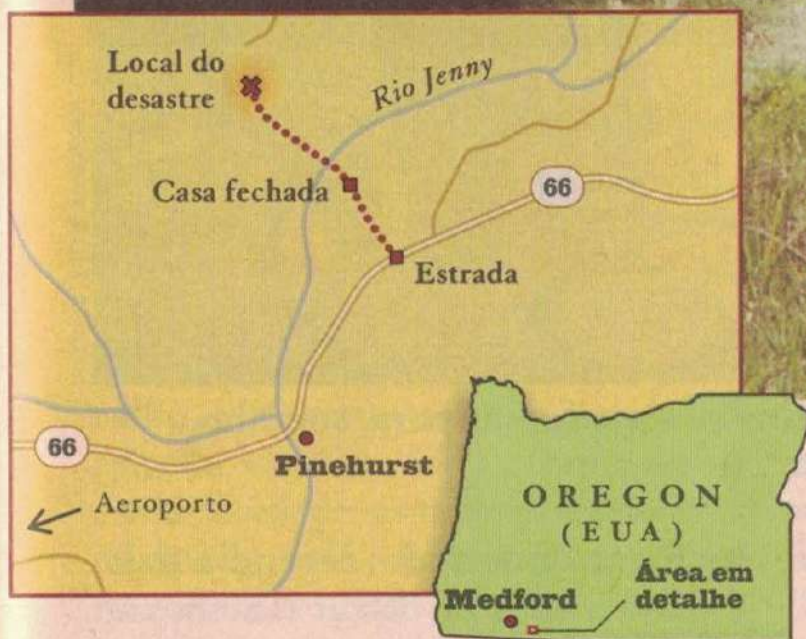
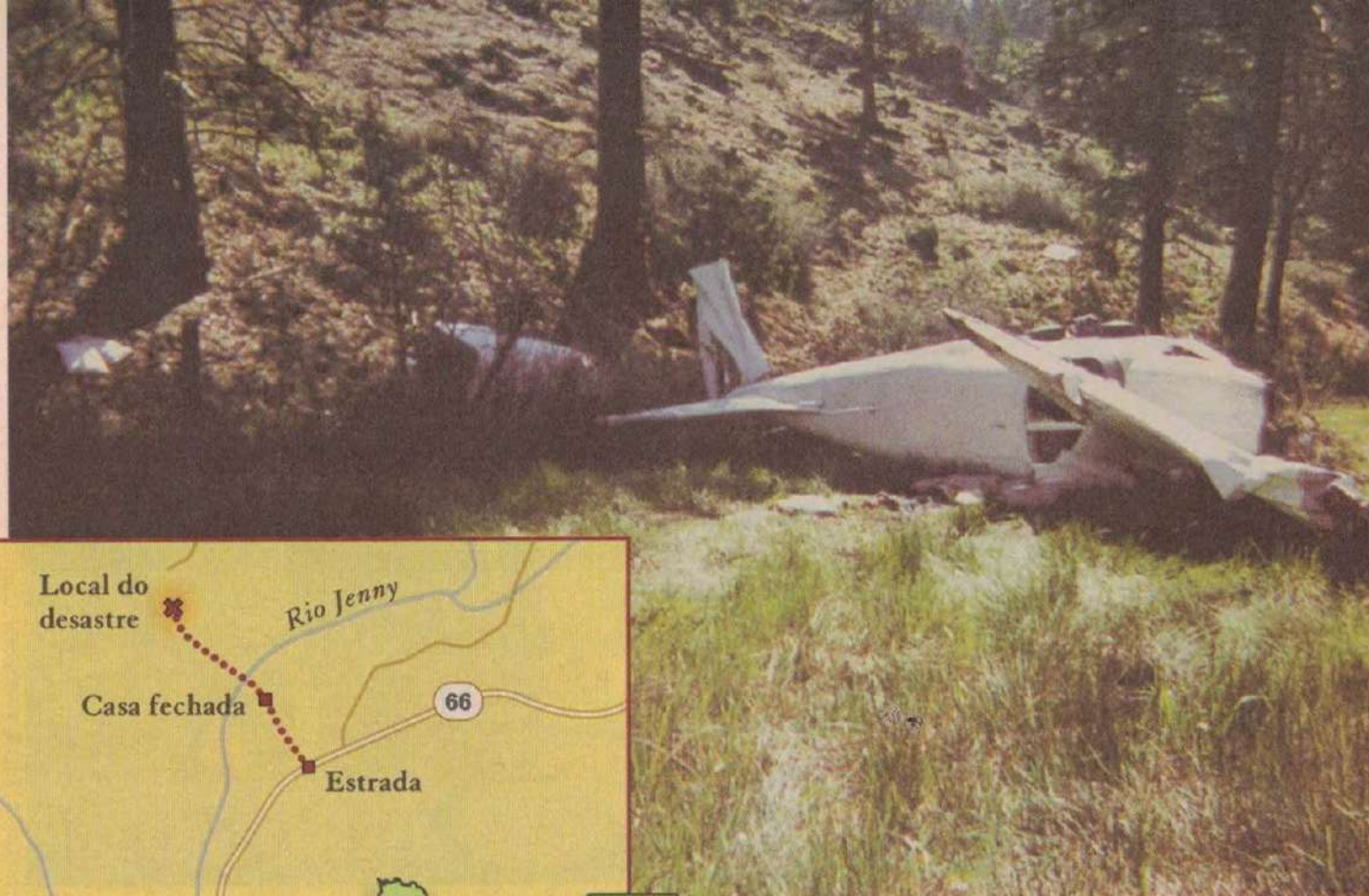
ERA O DOMINGO de Páscoa de 2000. A pequena aeronave havia decolado da Califórnia e cruzara os céus para o norte, sobre montanhas cobertas de pinheiros e abetos, rumo à divisa do Oregon. Chris, 11 anos, ocupava o assento do co-piloto. Adorava voar, e sua mente ágil acompanhava cada movimento do pai nos controles. A irmã de 13 anos, Stephani, estava no banco traseiro, escrevendo uma carta, e às vezes comentava com o irmão o maravilhoso cenário.

Pouco antes das 20 horas, a apenas alguns minutos de Medford, no Oregon, as nuvens se adensaram, impedindo a aterrissagem. Ken Pal-

servando-o em seu mergulho do céu. Recuperando o controle dos pensamentos, procurou uma clareira no solo. Stephani fez o mesmo, mas só havia um pequeno prado verde, profundamente incrustado nas colinas acidentadas. O pai girou a aeronave agonizante nessa direção, enquanto caíam em meio ao estranho silêncio do motor.

“Segurem firme!”, disse Ken. “Vamos bater!”

O chão parecia subir na direção deles. Passaram por colinas, uma casa e pedras, em rápida sucessão. Podaram topos de árvores. Dois pinheiros imensos surgiram bem no caminho, e Ken tentou projetar o avião entre eles, na esperança de que a perda das asas amortecesse a queda. Passaram entre os pinheiros, o



Destroçado – O pequeno monomotor perdeu as asas e as rodas quando despencou em meio às árvores.

metal se rasgando e a fuselagem nua chocando-se violentamente contra o solo encharcado, desmoronando em uma pilha inanimada.

Chris não sentiu nada. Ninguém sentiu. Quando a fuselagem amarfanhada por fim chegou ao seu destino, todos estavam inconscientes.

COM CUIDADO, Chris empurrou o peso, acreditando que o pai estivesse morto. Ouviu então uma respiração ruidosa e suas esperanças renasceram. “Acorde!”, implorou. Quando Ken começou a voltar a si, Chris conseguiu sair debaixo dele e se contorceu entre os destroços, à procura da irmã.

Por milagre, ele não se machucara; Stephani, porém, sentia dores terríveis.

Ele tinha de tirá-los do avião, mas como? A porta estava bloqueada pelo chão. O pára-brisa! Poderiam passar por ele. Ken parecia tonto demais para tomar iniciativas, e Chris e Stephani tiveram de orientá-lo a chutar o pára-brisa para que saíssem. Depois, rastejaram através da abertura improvisada.

Viram-se em um pântano no meio das montanhas. O solo cedia, encharcando-lhes os pés e as pernas. Chris ajudou a irmã a se sentar, mas Stephani caiu de lado. “Acho que quebrei a coluna”, gemeu. Com as



FOTO: © JOHN HARDING

Como fazer – Chris Palmer não sabia se teria forças para, sozinho, salvar a irmã Stephani e o pai, Ken.

almofadas do avião, Chris tentou deixá-la mais confortável.

Ken sentia-se tonto e desorientado. Tinha ferimentos na cabeça, que ele pressionava usando compressas improvisadas, tentando estancar o sangramento. Na batida, o cinto de segurança se romperia e Ken se chocara contra o painel de controle, destruindo o *manche* de comando e recebendo um forte golpe no tórax. Sem que soubesse, isso lhe afetara o coração.

Chris tentava manter o rosto calmo, apesar do medo. Estava só e não tinha certeza se conseguiria fazer o bastante para salvar a família. As nuvens estavam cada vez mais aglomeradas e espessas, e a já pálida luz da floresta se apagava rapidamente. Um frio úmido e cortante atravessava suas roupas finas. Chris percebeu nesse

momento que tudo dependia dele. Odiava a idéia de deixar sozinhos ali o pai e a irmã machucados, mas era o único que podia procurar ajuda.

Durante a queda do avião, notara uma casa entre as árvores. Escolheu uma direção que parecia certa e iniciou a caminhada solitária pela floresta. Na gélida escuridão, com a camisa ensangüentada grudando e resfriando em seu corpo, Chris escalou uma ribanceira. *Rápido, rápido, rápido*. Os pés escorregavam na terra solta, o coração disparava. *E se eu me perder?* E então se deu conta de que já estava perdido.

Chegando ao alto de uma colina, observou um pequeno vale. A menos de 500 metros havia uma casa. Tinha apostado certo. Sua família estava salva!

Chris lançou-se colina abaixo e deparou com o caminho bloqueado por um córrego rápido e profundo. Cautelosamente, esgueirou-se pela margem até encontrar uma “ilha” no canal. Dali mergulhou no córrego e foi levado pela correnteza poderosa, precisando de todas as forças para nadar.

Cuspindo água, rastejou pela margem oposta. O frio congelava-lhe os ossos, mas ele o ignorou e seguiu em direção à casa. Com a água escorrendo da roupa encharcada, arrastou-se até a porta e bateu. Bateu várias e várias vezes. A casa estava vazia e fechada. O que devia fazer?

Avistou então uma trilha de cascalho, e a seguiu até chegar a uma estrada estreita. Um carro passou em velocidade, as lanternas traseiras desaparecendo em uma curva. Esperançoso e animado, Chris correu pela estrada. Outro carro passou e depois outro. Chris pulou, acenou, sua roupa molhada tremulando ao vento. “Ei! Esperem!” Mas os carros nem ao menos diminuían a velocidade. Sentiu o calor e a esperança lhe fugirem do corpo. *Quanto tempo posso esperar antes que algo de ruim aconteça à minha família?*

DEITADA NO chão úmido, Stephani sentia dormência. Ela tentou conversar com o pai, mas ele delirava.

– Onde está Chris? – perguntava.

– Foi buscar ajuda – respondia a menina.

No momento seguinte, ele torna-

va a perguntar: “Onde está Chris?” Fez a pergunta diversas vezes. Depois, talvez acreditando que o filho estivesse perdido, começou a gritar “Chris, Chris!”, sua voz ecoando pela floresta.

E SE NÃO PASSASSEM MAIS CARROS?
Esse pensamento gritava na cabeça de Chris. Suas roupas molhadas endureciam à medida que a temperatura ia caindo para zero grau. O que aconteceria a seu pai e a Stephani? Devia ficar ou voltar? Sim, tinha de voltar e verificar se eles estavam bem. Depois, traçaria um plano.

Quando Chris voltou ao riacho, o sol já tinha se posto. A idéia de cruzar de novo a corrente gelada o enchia de terror. Mas criou coragem, lançou-se na água e foi, quase sem fôlego, até o outro lado. Chris arrastou seu corpo congelado de volta ao topo da colina e tentou encontrar o caminho no emaranhado de árvores. Não conseguia enxergar o avião. Será que tinha errado o caminho de volta? Ficou de pé, tremendo, tentando controlar a respiração. *Estou perdido*, pensou, procurando de todas as formas recuperar o autocontrole. O silêncio e a escuridão o envolviam e aterrorizavam. Em seguida, porém, ouviu a voz do pai, num timbre agudo e tingido de temor. Seguiu o som até o local do acidente e encontrou a família em profundo sofrimento – nenhum dos dois tinha condições de caminhar até a estrada. Com a temperatura em queda e já escuro, voltaram para a cabine do

avião, envolveram-se nas roupas que levavam na bagagem e se acomodaram uns contra os outros para se protegerem do frio. Enquanto a família tentava descansar nas camas improvisadas, Chris se torturava com a sensação de fracasso. Não conseguira ajuda. Não conseguira tirar o pai e a irmã da floresta. A neve começou a cair nas janelas acima dele, mas Chris renovou sua determinação. Se as tentativas de hoje tinham falhado, tentaria de novo amanhã.

••

Às 3H30 SURGIRAM luzes na floresta. Flutuavam por uma colina baixa em direção à pequena clareira. Junta-ram-se aos poucos em torno do avião esfaçalhado. Era uma equipe de busca que, finalmente, localizara os destroços, julgando encontrar apenas corpos dentro da aeronave.

E havia corpos.

Todos eles vivos.

Chris e a família foram levados para o hospital. Ken sofrera uma violen-

ta concussão; o corte no couro cabeludo precisou de 40 pontos. Irregularidades no batimento cardíaco, provável resultado do golpe contra o manche, o mantiveram na unidade de tratamento intensivo por quase dois dias. Stephani fraturou três vértebras na região lombar. Chris teve apenas escoriações.

Soube pela equipe de resgate que uma mulher, nunca identificada, telefonara para a polícia de um celular e contara ter visto na estrada "um garoto que parecia um louco, pulando para cima e para baixo".

Apostando que o menino fosse um sobrevivente do desastre, a equipe de resgate começou a procurar ao longo da estrada. A caminhada solitária de Chris pela estrada "deu a pista", afirmou John Ketchum, um dos primeiros da equipe de salvamento a chegar ao local do acidente. "Ele não ficou sentado, esperando algo de ruim acontecer. Lutou para salvar a família." Ao ouvir essas palavras, Chris Palmer sentiu que, afinal, tinha feito o bastante.

EM ALGUM LUGAR



Encontrei o relógio do meu filho de 8 anos dentro do bolso de seu casaco, enrolado num canto do armário. À tarde, quando ele chegou em casa, comentei sobre o fato de que não vinha usando o relógio.

– Ah, está guardado – retrucou ele.

– Onde? – perguntei.

– Ah, num lugar – murmurou.

Pedi então que me contasse onde. Por fim ele revelou:

– Está em algum lugar do quarto porque, todos os dias, às sete da manhã, o alarme me acorda.

–BRYNA COHEN, *Canadá*